

UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
FACULDADE DE LETRAS



# CONIMBRIGA



VOLUME XXXVII – 1998

INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

## RECENSÕES CRÍTICAS

Javier VELAZA FRÍAS, *Epigrafia y lengua ibéricas* [Cuadernos de Historia ; 6], Madrid : Arco Libros, S. L., 1996, 69 pp.

É sempre de saudar a publicação de monografias consagradas à divulgação junto do grande público de um assunto que, por ser tão árido e nebuloso, nem sempre tem sido tratado com a seriedade adequada; maior ainda é a nossa satisfação ao verificarmos que a obra em apreço constitui uma excelente síntese dos resultados que têm sido alcançados no estudo da língua ibérica, questão, a que, de resto, J. Velaza tem dedicado importantes trabalhos de investigação. Entre estes, permitimo-nos salientar a sua tese de doutoramento (J. Velaza, *Léxico de inscripciones ibéricas (1976-1989)*, Barcelona, 1991), que tivemos o ensejo de comentar em volume anterior desta mesma revista («Conimbriga», 31, 1992, p. 189-195).

Voltando ao livro que agora nos ocupa, importa sublinhar que se trata de uma introdução ao tema, no estrito respeito pela linha editorial definida para a colecção em que se integra. No entanto, se, por um lado, decorre deste facto a utilização de uma linguagem clara e simples (mas nem por isso menos rigorosa), sendo notória em todo o texto uma evidente preocupação didáctica que se traduz numa fácil e agradável leitura, por outro, os mesmos critérios redactoriais obrigaram à ausência de notas bibliográficas, opção que não podemos deixar de lamentar.

Depois de uma pequena introdução (p. 7-8) onde são expostos os objectivos que pretende atingir, J. Velaza consagra o primeiro capítulo à distribuição e às principais características das línguas pré-romanas da Península Ibérica, recorrendo a alguns exemplos extraídos de inscrições (p. 9-14).

A epigrafia em caracteres indígenas é objecto do segundo capítulo (p. 15-29), sendo dado particular relevo à distribuição espacial dos signários transmissores da língua ibérica.

O terceiro capítulo (p. 30-58), que constitui a parte nuclear de todo o livro, é precisamente consagrado à apresentação da língua, nas várias vertentes que a compõem, sendo devidamente salientado o papel preponderante desempenhado pelo estudo da onomástica ibérica na definição do pouco que se vai conhecendo da respectiva gramática.

Seguidamente, no quarto capítulo (p. 59-63), Velaza apresenta um balanço da investigação sobre a língua e as inscrições ibéricas, não deixando de tratar da *vexata quaestio* relativa às alegadas relações de parentesco entre o protobasco e o ibérico.

Encerram a obra uma bibliografia seleccionada (p. 59-63) e um glossário (p. 67-69), ambos de inegável utilidade.

As incertezas que envolvem a maior parte da investigação sobre os vestígios da língua ibérica permitem-nos apresentar algumas leituras e interpretações alternativas às que J. Velaza defendeu, podendo estas últimas, mercê do facto de integrarem um trabalho dirigido ao grande público, correr o risco de serem interpretadas pelos leitores menos informados como verdades inquestionáveis, quando, na realidade, não o são.

Atentemos, pois, algumas passagens que nos suscitam algumas dúvidas, não sem antes advertirmos de que, ao contrário da norma que temos perfilhado em anteriores estudos, seguiremos com pequenas variantes (R e S em vez das mesmas letras acentuadas), e apenas por uma questão de comodidade, o critério de transliteração dos signos ibéricos adoptado por Velaza.

p. 13:

- O signário usado nas esteias maioritariamente recolhidas no sul do território português, atribuídas à I Idade do Ferro, deve continuar a ter a designação de signário do SO., não se justificando, pelas confusões que tal iria originar, que o mesmo seja qualificado de meridional.

p. 21:

- Na mesma ordem de ideias, a escrita que tem sido chamada meridional ou do SE. deve continuar a manter tais designações, sem que se percebam as razões que conduziram Velaza a atribuí-la ao SO. Quanto às valorizações fonéticas dos signos que a compõem (quadro 1), não as poderemos subscrever integralmente. Consideramos mais próximo da realidade o quadro de transliterações que elaborámos há alguns anos («Conimbriga», 30, 1991, p. 193, fig. 1), devendo, porém, ser introduzidas no mesmo as seguintes correcções: a) o signo que, no semi-silabário levantino ou do NE, representa ko tem idêntico valor na escrita meridional; b) s22 e s22a, equivalentes a ki, parecem, em determinadas inscrições, corresponder a ku (A. M. de Faria, *Novas achegas para o estudo da onomástica ibérica e turdetana*, «Vipasca», 4, 1995, p. 84).

P- 31:

- O nome pessoal (NP) que nas fontes literárias é transmitido como INDIBILIS, INDIBELES ou ANDOBABLES conteria certamente o elemento nominal beleS (A. M. de Faria, *Subsídios para o estudo da antroponomia ibérica*, «Vipasca», 3, 1994, p. 66), pelo que não se justifica fazer derivar aquelas grafias de intibilis.

p. 34:

- Em vez de ARRA-NES, parece-nos aconselhável segmentar este NP documentado no bronze de *Asculum* em ARRAN-ES (< \*aRan-eS) ou em ARRAN-(N)ES (< \*aRan-(n)es) (A. M. de Faria, *Subsídios...*, p. 69).

p. 37-38:

- J. Velaza, na esteira de J. Untermann, considera haver determinados elementos antroponímicos ibéricos que são meras variantes gráficas de outros. E com base neste pressuposto, quanto a nós errado, que é reproduzida nestas páginas a lista de componentes antroponímicos elaborada por Untermann há quase uma década (J. Untermann, *Monumenta Linguarum Hispanicarum, III. Die iberischen Inschriften aus Spanien*, 1, Wiesbaden, 1990, p. 209-238). Velaza fomece um repertório que não atinge a centena e meia de elementos onomásticos, quando, pelas nossas contas, estes já ultrapassam as três centenas e meia. Não podemos, a propósito deste assunto, deixar de fazer nossas as palavras de J. A. Correa («Habis», 24, 1993, p. 331), referindo-se ao catálogo de Untermann: «... convendría no haber mezclado en una misma lista elementos antroponímicos que, aun siendo parecidos, no son iguales». Considerando que, além do mais, J. Velaza faz tábua rasa dos resultados alcançados nesta matéria nos últimos anos, eremos que esta é uma boa ocasião para completar o elenco deste autor, arrolando todos os outros elementos antroponímicos ibéricos de que temos conhecimento: **abaS, abel, abéis, abo, abu, aibi, aibon, aitu, akaS, aki, akin, akir, alaS, alben, alos, aluR, anboS, ankon, arka, ars, aR, aRan, aRke, aRki, aRko, aste, aSko, ataR, aun, auStin, bai, bais, baker, bakon, bal, balauR, balkar, ban, bar, basi, baS, baSti, baStu, bataR, beki, beike, bekine, beko, bekoR, bel, belaS, belser, beR, beRon, beRS, beS, beSoS, betan, betaneR, beteS, betiki, betu, bi, biki, bikiR, bikis, biR, bo, bobesR, bobesS, boi, bokal, bolo, bols, bon, bos, boS, boto, buR, ebar, ebaR, ekaR, ekaS, eki, eleR, eRS, eRte, eRter, eskeR, eS, eSkeR, eSto, età, ete, eter, eteR, eukeR, eukin, euR, eutin, ian, iaR, ibei, ibeR, ibuS, ikaR, iker, ikon, ikoS, iltun, iltur, intu, ir, iR, iskar, iske, iskeR, iSar, iSkaR, itor, iun, iunti, iuR, kaileS, kaku, kaltun, kalun, kan, kanan, kars, kaR, kaRes, katu, kaun, kebel, kebels, kebeS, keboi, kel, kelaR, keleS, kelti, kerS, kertaR, keR, keReS, ketin, kibaS, kiler, kinai, kiRS, kis, kiS, kitar, kitaS, koboR, kolon, koRiS, kubor, kule, kunsir, labeis, labi, lai, lake, lakon, lakoS, laku, lekaR, leku, likaR, loR, luSban, nisoR, noro, nius, oco, olor, oloS, oRkei, oto, saiR, sal, sar, seke, sekel, seki, sesin, setal, sete, sikil, sin, siR, su, suba, sur, Salai, Salbi, SalbiR, Sar, Seta, Sibi, Sike, Sor, SoR, takeR, tais, talskar, taneRS, taneS, taRti, tas, teken, teker, teR, tiban, tibeS, tikan, tike, tiken, tiker, tiki, tikir, tiniR, tolo, tor, torsin, torton, tuRin, tuwbar, uiser, uni, uniR, unis, uReS, uRi, uRka, uRkail, uStan e uStar.**
- Em contrapartida, da selecção de elementos antroponímicos feita por J. Velaza a partir do repertório de Untermann deverão ser excluídos **albe, austin, basto(k), beron, ekes, ena, esto, isker, iur, lor, lusban, sakin, sili, sir, Situ, taker, turnar e wbar**. Do nosso ponto de vista, idêntico destino deverão ter os seguintes elementos que figuram apenas na lista de Untermann: **aiR, aiti, akeR, anar, beles, belis, belo[, bena, beRai, belus, bilis, bilus, biur, bor, boren, esker, eur, iaR, iaun, iaur, ibeS, iltir, iltuR, isker, ior, kaltur, kelte, kitas, kors, laker, nas, neS, orten, ortun, saka(r), sani, san, silir, sino, sosun, Sur, SuRi, tarten, taska, tibas, tikiS, tueitike, tuma(i), turi(s), turtun, urka e urke.**

p. 42:

- **koRneli**, e não **koRnele**, é a transliteração correcta da forma iberizada do *nomen Cornelius* (A. M. de Faria, *A propósito do V Colóquio sobre Línguas e Culturas Pré-romanas da Península Ibérica*, «Penélope», 12, 1993, p. 155).
- TANNEPAESER(I) poderá ter origem num eventual **\*taneS-baiser** em alternativa a **\*tanek-baiser** (A. M. de Faria, *Algumas notas de onomástica ibérica*, «Portugalia», Nova Série, 16, 1995, p. 324).

p. 43:

- **aRkibeS** não deverá resultar de **\*aRki-ibeS**, mas tão-somente de **aRki-beS** (A. M. de Faria, *Subsídios...*, p. 66; A. M. de Faria, *Algumas notas...*, p. 326-327, 328).
- Por razões de ordem gráfica que já expusemos por mais de uma vez, à leitura **urkailtu** há que preferir **uRkailbi** (A. M. de Faria, *A propósito do V Colóquio...*, p. 155; A. M. de Faria, *Novas achegas...*, p. 85-86; A. M. de Faria, *Algumas notas...*, p. 328).
- BAESISCER(IS) deve remeter para **\*baise-iskeR** (ou, talvez, para **bais-iskeR**), atendendo a que **isker** não ocorre em ibérico («Habis», 24, 1993, p. 331; A. M. de Faria, *Subsídios...*, p. 66).
- **BELENNES** poderá provir de **\*belen-nes** (A. M. de Faria, *A propósito do V Colóquio...*, p. 154) ou até de **\*beleS-nes**, não devendo, no entanto, proceder de **\*beleS-neS**, uma vez que **neS** não se encontra até agora atestado como elemento onomástico ibérico (A. M. de Faria, *Algumas notas...*, p. 324).
- As segmentações **\*ibeis-sur** e **\*ibe(s)-Sor** deverão, quanto a nós, ser substituídas respectivamente por **ibei-sur** e **ibe-Sor** (A. M. de Faria, *Subsídios...*, p. 67; A. M. de Faria, *Algumas notas...*, p. 326-327).

p. 44:

- Não há motivos suficientemente sólidos para considerar **abaRkis** uma haplogogia (**\*abaR-aRkis**), sendo perfeitamente possível segmentar este NP em **abaR-kis** (A. M. de Faria, *Algumas notas...*, p. 323).

p. 46:

- O sufixo **-ai** sucede também a NNP: **Sanike-ai**, **Sanibeir-ai**, **atabeR-ai** e **anwbeR-ai** («Conimbriga», 30, 1991, p. 188, 191).

p. 47:

- **banSor** deverá ser um NP, susceptível de ser segmentado em **ban-Sor** («Conimbriga», 30, 1991, p. 190; «Conimbriga», 31, 1992, p. 195; A. M. de Faria, *Algumas notas...*, p. 326).

p. 48:

- As leituras **arsakis-ku** (v. também p. 53) e **ibesunin-ku** devem dar lugar a **aRsbikis-te** (A. M. de Faria, *Novas achegas...*, p. 80) e a **lbesumin-te**, respectivamente.
- Não sabemos o que leva Velaza a caracterizar **boRbelioR** e **saltukiler** como palavras não antroponímicas de categoria indeterminada, porquanto nada obsta a que tais vocábulos sejam considerados NNP («Conimbriga», 30, 1991, p. 190; A. M. de Faria, *Subsídios...*, p. 67, 68).

p. 49:

- Já por mais de uma vez manifestámos as nossas reservas quanto à existência do morfo **-ste**, («Conimbriga», 30,1991, p. 189; «Conimbriga», 31,1992, p. 194), nada havendo a opor às seguintes segmentações, que não coincidem com as de J. Velaza: **selkisosin-kas-te**, **bikiltiRs-te**, **bors-te**, **bitars-te** e **Saltirs-te**.
- **alauniltiR-te** deverá ser má leitura por **aiuniltiR-te** (L. Silgo Gauche, *Léxico ibérico*, Valencia, 1994, p. 34).
- A despeito de J. Velaza considerar **kaResban** e **kaResir** palavras de categoria indeterminada, não vemos razão para deixarmos de pensar que ambas são, a par de **kaResbobikiR** e de **kaRestar**, NNP ibéricos («Conimbriga», 30, 1991, p. 190; «Conimbriga», 31, 1992, p. 195; A. M. de Faria, *Subsídios...*, p. 67).

p. 53:

- A propósito de **ekiar**, J. Velaza entende que **-ton** é morfo que costuma acompanhar nomes próprios, mas não conhecemos qualquer exemplo da utilização daquele sufixo a seguir a NNP.

p. 54:

- Pelo facto de não tomar evidente a ocorrência do sufixo **-sken**, a segmentação **iltiR-kesken** deverá ser preterida em favor de **iltiR-ke-sken**.
- Resta ainda mencionar um erro tipográfico recorrente em diversas páginas: trata-se da deficiente colocação dos sinais diacríticos sobre as sibilantes e vibrantes convencionalmente acentuadas, um problema que afecta **beRbeinar**, **lauRiskeR** (p. 32), **beRbeinar**, **katuekaS**, **koloitekaR**, **wbaR** (p. 33), **ikoR** (duas vezes), **biuR**, **tibaS**, (p. 36), **Sani**, **aRkis**, **beRi**, **keRtu** (p. 37), **Sani**, (p. 38), **SalaiaRkis** (duas vezes), **aRikaler** (duas vezes), **beRkebeS** (p. 39), **baS-betin** (p. 40), **wbaR-beleS**, **[R]** (p. 41), **[R]**, **[S]** (p. 42), **aRkibeS**, **oRkei-abaR**, **\*baRke-akeR**, **\*selki-eteR**, **\*beleS-neS**, **\*ibe(s)-Sor**, **-sS-**, **basSumim-tiniRe**, **[R]** (p. 43) e **abiRkakien** (p. 52).
- Se, nos casos supracitados, é possível detectar o desvio involuntário dos acentos sobre vibrantes e sibilantes, noutros, aqueles faltam por completo. Assim, encontram-se totalmente desprovidos de acento **Situ**, **iltiR**, **iltiR-ta** (p. 38), **\*wbaR-beleS** (p. 41), **\*sakaR-laku** (p. 44), **beleSakin** (p. 46), **Salkitei-ke**, **Salkitei-ta**, **usekeRte-ku**, **sakaRiskeR-ar-nai** (p. 48) e **sakaRatin-te** (p. 54).

É óbvio que as observações aqui consignadas não têm o propósito de desvalorizar a relevante e difícil tarefa a que J. Velaza meteu ombros, mas apenas o de mostrar que, mesmo num manual com as reduzidas dimensões que este necessariamente apresenta, pode ser encontrada matéria passível de suscitar controvérsia. cremos que, apesar dos obstáculos com que se defronta qualquer autor que tenta tomar acessível ao leitor comum um tema maioritariamente feito de enigmas e de interrogações, J. Velaza conseguiu elaborar com assinalável êxito um precioso guia destinado aos que pretendem dar os primeiros passos no estudo da misteriosa língua ibérica.

GONZÁLEZ ROMÁN, Cristóbal (ed.), *La Sociedad dela Bética. Contribuciones para su Estudio*. Biblioteca de Estudios Clasicos, Universidad de Granada, 1994. 552 pp. ISBN: 84-338-1927-5.

A realização de congressos de História e/ou Arqueologia tomou-se numa realidade satisfatória, dado que as comunicações têm vindo a ser frequentemente divulgadas através de precisas publicações, não se circunscrevendo apenas a um circuito reduzido. A obra em apreço é fruto de um destes colóquios cujos resultados foram editados, embora com um interregno de dois anos. Foi celebrado, entre os dias 30 de Março e 1 de Abril de 1992, na Facultad de Filosofia y Letras de la Universidad de Granada, com o tema “La Bética en su problemática histórica: la sociedad”. Os oradores são professores de várias universidades espanholas, das quais referimos - ao acaso - a de Granada, a Complutense de Madrid, a de Sevilha ou a Universidad Central de Barcelona. Entre os patrocinadores do evento contam-se a Junta de Andaluzia e a Facultad atrás citada, entre outras entidades. A coordenação das actividades estiveram a cargo dos membros do grupo de investigação “Arqueologia e Historia en la Hispania Meridional en Época Romana e Visigoda”. Restatícios acrescentar que a presente edição esteve a cargo da Universidade de Granada.

A importância da compilação reside na leitura de abundantes novidades, umas mais significativas que outras; no entanto, todas elas parte dos alicerces de um edifício que tem vindo a ser construído em redor da história da Bética. Linhas resumidas que dão continuidade a estudos apresentados nas primeiras jornadas e o melhor exemplo de que esta região, nos últimos anos, tem sido alvo de um trabalho meritório. Logo, louvamos a iniciativa e os seus participantes.

O livro divulga o total das 20 comunicações apresentadas neste colóquio, suas problemáticas, conclusões e posteriores caminhos de investigação. De entre as diversas problemáticas, escolhidas entre as que considerámos mais pertinentes, podemos referir o culto de Isis - divindade oriental adoptada pelo Império -, sua implantação, crescimento e influência na Bética. As inscrições em ânforas são contempladas como ponte para um estudo mais amplo que abre as portas a um maior conhecimento da estrutura sócio-económica da região. O fenómeno festivo, suas definições e características, surge colmatando a lacuna de estudos sobre o aspecto ritual/festivo da Hispânia Antiga. Os estudos apresentados no âmbito da prosopografia da época republicana ou a produção cerâmica no Alto Guadalquivir, tanto produções romanas como ibéricas, são outros dos temas que mereceram a nossa atenção. Cabe aos futuros leitores ajuizar da nossa escolha ao mencionarmos os temas atrás apresentados; possivelmente, as suas escolhas, fruto de interesses que não os nossos, serão outras. Gostaríamos de frisar - para não ficarem dúvidas neste campo -, que todos os artigos mereceram o nosso apreço, considerando que os futuros resultados devem continuar a ser divulgados. Aliás, o valor da obra descobre-se no seu conjunto e não num ou noutro artigo que desperte a atenção do leitor.

A obra é, na sua maioria, de fácil leitura e constitui um fértil manancial informativo: é composta por artigos sucintos, dadas as exigências e características de que se reveste, e pouco exaustivos, mas que registam, ampliam e projectam grandes trabalhos de investigação.

Consideramos que a obra é essencial para o arranque de estudos similares em

outras regiões da Península e que outras entidades devem realizar ou dar continuidade a congressos e eventos semelhantes que permitam divulgar, trocar e aprofundar ideias.

Considerando que não se esgotam aqui os possíveis itinerários para a análise da história da Bética, ficamos a aguardar com expectativa as próximas jornadas para obtermos respostas às questões deixadas em aberto e os novos rumos das investigações em curso.

O livro reflecte uma actividade dinâmica que veicula preciosas informações, às quais deve ser dada a devida importância.

MARGARIDA I. NUNES

HERNÁNDEZ GUERRA, Liborio - *Inscripciones Romanas en la provincia de Palencia*, Secretariado de Publicaciones, Universidad de Valladolid, 1994. 219 p. 72 láms., 24 cm (Historia y Sociedad, 39).

Foi intenção do autor publicar um *corpus* de inscrições romanas da província de Palência, partindo de um primeiro *corpus* já existente de L. Sagredo e S. Crespo (*Epigrafia Romana de la Provincia de Palencia*, Palência, 1978), completado e actualizado com novos dados epigráficos cuja publicação está dispersa pelas mais variadas revistas e, ainda, com alguns dados inéditos.

O mérito deste trabalho reside, portanto, em fornecer-nos toda a documentação epigráfica da província de Palência, reunida numa só obra.

O esquema adoptado pelo autor apresenta a seguinte ordem: catálogo das epígrafes, bibliografia geral, índices epigráficos, lista de concordâncias e fotos. Seria de esperar encontrar aqui os mapas e quadros, segundo a ordem que o próprio autor refere na introdução ou, então, imediatamente a seguir ao catálogo. Ora, esses mapas e quadros aparecem-nos nas páginas 12 e 13, talvez devido a um engano de montagem, pois não faz sentido que estejam a meio da introdução. Já agora, preferíamos ver o catálogo das inscrições seguido dos índices epigráficos e da lista de concordâncias, relegando a bibliografia geral para a parte final.

As inscrições, numeradas de 1 a 193, só arrumadas segundo a divisão em votivas, funerárias, monumentais, tábuas de hospitalidade, miliários, monumentos anepígrafos, inscrições de gente relacionada com a província de Palência, marcas de materiais de construção, grafitos e marcas cerâmicas.

Os textos de índole funerária foram subdivididos consoante apresentam ou não consagração aos deuses Manes e, dentro destas subdivisões, por ordem alfabética do *nomen* e, se este não existe, do *cognomen*. Será que não seria mais útil optar por um critério de ordenação geográfica, que daria, desde logo, a indicação de quantas inscrições